

AVALIAÇÃO ESCOLAR: AVALIANDO OU EXAMINANDO?

Rayane Gabriela Silva de Moraes Barbosa¹

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de fomentar uma reflexão/análise dos processos de avaliação da aprendizagem vivenciados no ensino fundamental I (séries iniciais) utilizados pelos professores, sobre a concepção e métodos de avaliação da aprendizagem, questionando e debatendo diretamente com os autores sobre como a forma de avaliar influencia diretamente na aprendizagem e vida escolar do aluno. O texto abordará às concepções e processos da avaliação, e como a escola do século XXI pratica a avaliação, tendo como base trará a pesquisa bibliográfica pautada em discursos sobre autores que pesquisaram e pesquisam sobre essa temática.

PALVRAS-CHAVE: Professor; Aluno; Avaliação; Aprendizagem; Exames.

INTRODUÇÃO

Este artigo originou-se da análise bibliográfica dos métodos avaliativos utilizados pelos professores no ensino fundamental I e como estes podem gerar aprisionamento

¹Graduada em Pedagogia na UNEB campus XIII, estudante do curso de pós graduação de Docência do Ensino pelo Instituto Luiz Mascarenhas e Discente do curso Superior Serviço Social na Unopar Ead / Itaberaba-Ba/
gabriela.ray@hotmail.com

ou libertação do conhecimento adquirido pelo aluno, durante seu processo de aprendizagem. A análise será feita a partir do olhar questionador da autora para compreender e descrever como a avaliação é vista pelos diferentes autores: Cipriano Luckesi, Jussara Hoffmann, José Romão e outros. Investigarei também, sobre o papel que o professor exerce em sua prática a favor ou contrária a teoria e como isso pode refletir diretamente no desenvolvimento do aluno.

A avaliação serve para identificar as dificuldades e os conhecimentos prévios do aluno durante sua construção do conhecimento. A proposta desse artigo visa apresentar a avaliação como ela realmente deve ser; um instrumento investigativo e não de constatação numérica do grau de conhecimento que o aluno adquire em uma prova / teste. Sendo assim, descreverei em capítulos distribuídos de seguinte forma: Pressupostos metodológicos; Avaliação; Avaliação Formativa; Concepções de erro e suas “consequências”; Avaliar ou examinar; A avaliação utilizada como processo de inclusão e as considerações finais.

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A década de 70, ainda sob a ditadura militar o Brasil passava por ações de movimentação em seu processo de alfabetização e a avaliação por ainda ser rusticamente estabelecida servia para julgar o comportamento do aluno e para controlar o planejamento do professor. Para a época este modelo de avaliação se tornou um marco muito forte e nesta mesma década os testes ali inseridos no ambiente escolar serviam para medir e mensurar todo conhecimento do aluno, transformando assim a avaliação em um processo objetivo de seleção.

Por isso, através de intimas inquietações das quais fui e ainda sinto fazer parte deste contexto histórico, o presente artigo foi construído através de um sistema previamente estruturado como: a) formulação do problema e hipótese que no mesmo seria: como a avaliação influencia diretamente na vida escolar e social do aluno e como ela pode ser realmente inclusiva, pois para se avaliar tem que se permitir conhecer aqueles que estão inseridos neste processo, sempre levando em conta tudo aquilo que o aluno ainda não sabe e que virar, a saber, tendo como objetivo principal que me

levou a dar rumo a esta pesquisa foi a preocupação da aprendizagem destes indivíduos, pois, se o objetivo primordial do processo de ensino do professor não tiver voltado à aprendizagem de seus alunos, e principalmente daqueles que possuem suas limitações, como poderia esta avaliação ser de fato inclusiva e justa? Por isso, se fez necessário sair dessas hipóteses para caminhar em direção ao próximo passo que foi; b) a coleta de dados, que pode me ajudar a sustentar teoricamente todos os fatos supostos acima, me colocando em posição de chegar as; c) análises dos dados necessários que puderam me proporcionar à construção deste artigo, contendo todas as minhas inquietações perante o que se foi pesquisado, permitindo assim que pudesse chegar as conclusões e generalizações necessárias para apresentar na redação logo abaixo, tudo que foi construído a partir de pesquisas teóricas e metodológicas, cujo sua natureza é de trabalho científico original, contendo apenas alguns resumos de ideias dos grandes autores escolhidos para compor o mesmo.

Seus objetivos foram construídos por base de pesquisa exploratória à cerca do assunto abordado, pois como já havia citado acima seu procedimento de construção utilizei pesquisas em laboratório (sites de pesquisas e sites específicos) e bibliográfica (livros de metodologia, e o tema) que pode me auxiliar a ampliar meus conhecimentos adquiridos durante minha caminhada acadêmica, contemplando também tudo aquilo que de fato eu vivi no ensino fundamental não somente como aluna, mais como professora, pois, acredito que apesar da avaliação ter seus 25 anos de discursão a mesma ainda possui muita coisa a ser tirada dos papéis já escritos e aprimorada em novas discussões conforme for à necessidade da demanda apresentada pela sociedade que se encontra em ativa transformação.

AVALIAÇÃO

Quando falamos em avaliação, não podemos deixar de falar um pouco sobre a história da didática moderna, que nasceu nos séculos XVI e XVII tendo como fundador, considerado o pai da mesma, o bispo, educador, cientista e escritor checo Amos Comenio, mais conhecido como Comênio, que propôs um sistema de educação novo na prática do ensino, com o principal objetivo de dar a todos direitos iguais perante o saber. Em uma de suas maiores obras, fruto de muita pesquisa, chamada de didática

magna presente no livro “Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos” em 1649, traz importante contribuição para este artigo que é a descrição sobre o ensino unificado, que é posto em prática nas ações diretas de cada professor e, principalmente, nos métodos avaliativos.

Comênio, nesta mesma obra traz suposições de leis para uma boa interação na escola com base na Ratio Studiorum, sistematização da pedagogia jesuítica em forma de documento cheio de capítulos e regras que cobrem todas as atividades ligadas diretamente ao ensino, que recomendava ao professor que nunca se afastasse do estilo filosófico de Aristóteles e da teologia de Santo Tomás de Aquino tendo como base de modelo avaliativo o exame. Este modelo educacional defendia a necessidade de se examinar o conhecimento do aluno a todo minuto, toda hora, todo dia, toda semana e assim por seguinte, e para garantir que esse conhecimento não diminuísse o nível existia o escolarca que tinha o poder nas escolas e a obrigação de elaborar uma prova para saber o nível de cada aluno. As escolas, no atual sistema, faz esse tipo de prova, a exemplo das bancas de faculdade, vestibulares, concursos, entre outros.

A avaliação é tradicionalmente associada na escola, à criação de hierarquias de excelência. Os alunos são comparados e depois classificados em virtude de uma norma de excelência, definida no absoluto ou encarnada pelo professor e pelos melhores alunos (Pfilippe Perrenoud, pág.11).

Muita discussão se tem feito nos últimos anos, especialmente no século XXI sobre avaliação da aprendizagem. As avaliações hoje provém de perspectivas positivistas que com o passar do século foi evoluindo e passando para uma perspectiva mais ampla de natureza tanto dialógica quanto dialética, voltada para uma transformação que abrangesse o plano pessoal, social e escolar. Luckesi² afirma que a avaliação que tem como ponto de partida o ensino e a aprendizagem, possibilita o professor construir um diagnóstico que relate como está ocorrendo a aprendizagem, as experiências, os elementos e recursos utilizados para efetivar sua aprendizagem.

² Atualmente professor Pós-aposentado do Programa de Pós graduação da Faculdade de Educação ACED, Universidade Federal da Bahia (UFBA) e autor do livro Avaliação da aprendizagem escolar(2011)

Para Romão³ os avaliadores tendem a trazer a avaliação para uma concepção dialética do conhecimento que ao mesmo tempo passa por uma falsa visão educacional, que se preocupa com criação de teorias e métodos alternativos que auxiliem nessa busca pela transformação. Porém as concepções mais simples e objetivas que o autor traz são: **antagônicas** em que a epistemologia positiva a qual julga os erros e acertos dos alunos tendo como sistema educacional as verdades absolutas de formas rigorosamente estruturadas (que já está ultrapassada e não é recomendado ser usada nos dias atuais) e a **dialética** como foi citada acima como a prática mais adotada pelos profissionais da educação que traz o conhecimento com a ideia de potencialização do conhecimento do indivíduo avaliando assim com seu desempenho em situações específicas, cada um conforme suas limitações de aprendizagem.

Já Hoffmann⁴ concebe avaliação como um ato pedagógico que ocorre no interior da escola, que acaba por atender a demandas sociais diversificadas, sendo as práticas avaliativas realizadas através de uma observação desta mesma avaliação, podendo assumir função classificatória ou diagnóstica, de acordo com a postura do professor que se utilizam dos termos, prova, nota, boletim, recuperação e o mais temido de todos que é a reprovação, a famosa trajetória que os alunos passam como prova de seu conhecimento concreto. Podemos então perceber que a escola tem como opção de prática avaliativa várias ferramentas: provas, trabalhos, seminários, aulas de recuperação e conselho de classe que podem ser consideradas como prioridade para se obter uma nota e, uma investigação, sob um olhar mais cuidadoso e crítico para que possa então ir além de discussões sobre os métodos. É fundamental compreender que:

“Avaliar é julgar ou fazer a apreciação de alguém ou alguma coisa, tendo como base uma escala de valores [ou] interpretar dados quantitativos e qualitativos para obter um parecer ou julgamento de valor, tendo por base padrões ou critérios” (Haydt, 1988:10).

³ Atualmente, é professor do curso de Mestrado em Educação, na Universidade Nove de Julho (Uninove), em São Paulo (Brasil), onde coordena o Grupo de Pesquisa Culturas e Educação. Autor de vários livros como Avaliação dialógica (2002).

⁴ Doutora em PGEdU-UFRGS e autora de vários artigos e livros como Avaliação Mito & Desafio (1999).

O processo avaliativo pelo qual o aluno é imposto a vivenciar nas escolas pode apontar avanços e dificuldades permitindo realizar intervenções com o intuito principal de reorientá-lo. Demo⁵ afirma que a avaliação é necessidade intrínseca da intervenção adequada, pois a efetividade da intervenção depende do conhecimento concreto das condições históricas dos alunos.

Chamando a atenção ao que seja esse sistema de ensino é claro se perceber o interesse entre a escola que por ventura acaba se preocupando com percentuais de aprovação/reprovação do total dos educandos e do desejo pleno dos pais querem seus filhos avançando nas séries sem que haja nenhuma barreira entre eles. Sendo assim a avaliação de certa forma passa a ter características promocionais, porque a mesma se torna a primeira pergunta a ser feita pelos pais e, principalmente de como adquiri-la para então assim poder se trabalhar de acordo com ações intencionais para verificar se seus filhos são aprovados independente de ter aprendido ou não.

Diante desses fatores podemos afirmar que a avaliação propriamente dita, vai além das notas e conceitos, mas que por sua necessidade de verificação para o currículo, alguns métodos, mantem o controle do que está sendo feito e a forma de pontuação deve ser melhorado para que os alunos passem do pensar de não sabe, para o ainda não sabe, transformando a suposta impossibilidade de aprendizagem em uma oportunidade de aprender tudo aquilo que ainda não foi aprendido. O capítulo “concepção do erro e suas “consequências”,” trará questões que podem ser presenciadas nos procedimentos pedagógicos e de suas formas aprisionadoras que este erro traz.

AVALIAÇÃO FORMATIVA

Em sua história a avaliação formativa constitui a modalidade fundamental de avaliação no ensino básico destinando-se, de acordo com os números 18,19 e 20 do Despacho Normativo 98-A/92, a: "informar o aluno e o seu encarregado de educação, os professores e outros intervenientes, sobre a qualidade do processo educativo e de

⁵ Doutor em sociologia pela Universidade de Saarbrücken (Alemanha), 1971, e professor titular da Universidade de Brasília (UnB), desde 1982.

aprendizagem, bem como do estado do cumprimento dos objetivos do currículo." (nº 18). Possui um carácter sistemático e contínuo (nº 19) sendo da "responsabilidade conjunta do professor, em diálogo com os alunos e outros professores." (nº 20).

Em nível de objetivos a avaliação formativa estabelece: "metas intermédias que favoreçam a confiança própria no sucesso educativo" (nº 18 a) permitindo, "adoptar novas metodologias e medidas educativas de apoio, ou de adaptação curricular, sempre que sejam detectadas dificuldades ou desajustamentos no processo de ensino e de aprendizagem." (nº 18 b).

Definições em que norma surge como o conjunto de regras coletivas ou comuns que servem de standards na orientação da ação e critério como um modelo usado para uma comparação qualitativa. Destas definições duas conclusões podem tirar-se: não há uma norma, mas várias. As normas variam em função dos grupos que as definem e das reinterpretações pessoais. (Landsheere, 1979).

A avaliação formativa, ao discorrer como seria esse processo de ensino e aprendizagem, permite, ainda, na opinião de Scriven (1967), que o professor adapte as suas tarefas de aprendizagem, introduzindo alterações que possibilitem uma maior adequação das mesmas, diante disso não trata de uma avaliação simples e informal ou permanente e sim a sua permissão e/ou planeamento de momentos para se organizar planejar momentos para averiguar dos resultados obtidos, recolhendo logicamente informações durante o processo de aprendizagem.

O maior mérito da avaliação formativa é na opinião de Bloom é, "a ajuda que ela pode dar ao aluno em relação à aprendizagem da matéria e dos comportamentos, em cada unidade de aprendizagem." (p.142). Este tipo de avaliação visa assim regular o processo de ensino e aprendizagem, investigando e identificando métodos de ensino mal adaptadas ou dificuldades de aprendizagem nos alunos.

Para Hadji⁶ a escola deve pôr a avaliação a serviço das aprendizagens o máximo possível, pois, a avaliação nesse contexto de ensino tem o objetivo legítimo de

⁶ Professor do Departamento de Ciências da Educação da Universidade Pierre Mendès - France Grenoble 2. Grande pensador das questões filosóficas que permeiam o processo educativo.

contribuir para o êxito do ensino, isto é, para a contribuição desses saberes e competências dos alunos com a esperança de pôr a avaliação a serviço da aprendizagem e não somente de captação de alunos ideais, como a mesma vem sendo exercida até os dias atuais.

CONCEPÇÃO DO ERRO E SUAS “CONSEQUENCIAS”

No ensino fundamental o erro em sua grande maioria demonstra tudo àquilo que o aluno ainda não sabe, dentro de um modelo considerado como correto para formação de sua base escolar. Sendo assim, a concepção de erro traz consigo uma visão autoritária com sentido básico de imposição do que seja absolutamente certo dentro de um padrão de verdade absoluta e tendo como erro tudo aquilo que esteja fora desse padrão. O erro quando é visto como forma de punição para o aluno, quando corrigido de forma modelada, tem sua principal e pior consequência a exclusão do aluno em sua grande maioria não satisfeita por não conseguir atingir o objetivo que é ganhar a nota, passando assim a ter resistência não somente no assunto, mais também ao professor. A escola dificulta assim o avanço do aluno quando:

O ensino brasileiro é marcado, profundamente por esse viés maniqueísta no qual a realidade – objeto do saber é apresentada sob a forma de certo/errado”, “bem/mal”, “belo/feio” e, por via de consequência, a avaliação se transforma num julgamento moralista, porque se baseia numa visão ideológica “desideologizada” da história. (Romão pág.100 ed. 2002)

Durante as atividades avaliativas, os alunos costumam ler, interpretar para responder e por fim chegar a uma excelência de desempenho em suas respostas. Quando a atividade é entregue com as devidas correções, cheias de riscos e rabiscos, o aluno automaticamente sente-se incapaz, já que o mesmo tanto se esforçou e não conseguiu o esperado, dando assim lugar a autoflagelação. Por sua vez, esse procedimento avaliativo pode levar punição momentânea e assim permanente, pois ele acaba se permitindo deixar ser levado por aquele erro correndo assim o sério risco de prejudicar seu desempenho escolar. Por isso, Bloom defende a ideia de que cada vez mais é necessária uma avaliação contínua durante a vida desse indivíduo, pois dessa forma, o mesmo terá a chance de não ter tempo para se permitir chegar a tal situação

de culpabilidade, se reerguendo quase que automaticamente deste possível erro e, por fim, se adequando ao padrão sem nenhuma consequência maior.

Luckesi diz que a ideia do erro só emerge no contexto da existência de um padrão considerado correto. A solução insatisfatória de um problema só pode ser considerada errada a partir de um momento em que se tem uma forma considerada correta de resolvê-lo; uma conduta é considerada errada na medida em que se tem uma definição de como seria considerada correta, e assim por diante. Porém o mesmo explica que partir do erro, na prática escolar, desenvolve-se e reforça-se no educando uma compreensão culposa da vida, pois, além de ser castigado por outros, muitas vezes ele sofre ainda a autopunição dando espaço ao medo em sua vida que lhe tira a liberdade, criando assim um sentimento de dependência e incapacidade, dificultando seu aprendizado a cada dia.

A partir do erro, na prática escolar, desenvolve-se e reforça-se no educando uma compreensão culposa da vida, pois, além de ser castigado por outros, muitas vezes ele sofre ainda a autopunição. Ao ser reiteradamente lembrado da culpa, o educando não apenas sofre castigos impostos de fora, mas também aprende mecanismos de autopunição, por supostos erros que atribui a si mesmo (Luckesi,1995).

Hoffmann afirma que o erro é representado pelo que o aluno não aprendeu. O erro é valorizado, e considerado importante, fecundo e positivo para o processo avaliativo e que ter possíveis e diferentes respostas para este erro da avaliação nos leva a uma pergunta direta que é: “corrigir, por quê?” onde ela explica que a ideia central da correção deste erro não se dá somente pela ideia de conserto como em sua maioria poderia entender.

A correção se faz necessária para poder ratificar aquilo que foi aprendido de uma forma previamente errada, é a segunda chance de se aprender de novo e ser apresentado um novo conceito, dando ao estudante a possibilidade de verificar contradições de ideias esperadas nas atividades. Sendo que a verdadeira lógica da correção é a submissão do aluno ao que lhe foi e é imposto enquanto certo/errado

dentro de um padrão em forma de conceitos adquiridos durante sua vida escolar. Concordando com Luckesi, a mesma deixa subtendida a autopunição em forma de bloqueio perante sentença de notas tendo consequência não muito positiva para o desenvolvimento do aluno.

Os erros cometidos pelos alunos sofrem sérias penalidades e tendem a permanecer sob a forma de dificuldades. Muitas vezes tais erros são até mesmo reforçados por determinados procedimentos de correção. (Hoffmann, pág. 78 ano 1999)

Romão afirma sem exageros, pose-se dizer que os “erros” dos alunos constituem a matéria prima do replanejamento das atividades curriculares, pois a função precípua da escola, nada mais é do que a transformação da cultura primeira, a partir dela mesma, a passagem da consciência ingênua para a consciência crítica. Quando se permite fazer comparações, ela o faz em relação a diferentes desempenho do mesmo aluno: verificação do que ele avançou relativamente ao momento anterior de um processo de ensino e aprendizagem.

AVALIAR OU EXAMINAR?

Como vimos no início deste artigo, a avaliação se faz presente há anos em nossas vidas, porém a mesma vem diferenciando seus instrumentos conforme o passar dos anos para que se adequem a demanda social, que se faz ativamente presente nos dias atuais. Apesar de parecer que o termo examinar seja o mesmo que avaliar; esses dois conceitos são totalmente distintos, principalmente quando nos propomos a olhar através destes, obtendo assim uma visão para além de uma aparente igualdade quando posto em prática.

Avaliar vai além de olharmos para crianças como seres meramente observados, ou seja, a intenção pedagógica avaliativa dará condições para o professor ou professora criar objetivos e planejar atividades adequadas, dando assim um real ponto de partida para esta observação, torna-se claro a

necessidade de se construir conhecimentos e reflexão por parte de professores educadores acerca do processo avaliativo formal na Educação Infantil. A avaliação se destina a obter informações e subsídios capazes de favorecer o desenvolvimento das crianças e ampliação de seus conhecimentos. Nesse sentido, avaliar não é apenas medir, comparar ou julgar. Muito mais do que isso, a avaliação apresenta uma importância social e política fundamental no fazer educativo (moodle, UFBA).

Luckesi quando fala em avaliar e examinar, o mesmo tem o total cuidado em separar claramente o significado destas duas terminologias, pois o mesmo afirma que a escola até os dias atuais pratica exames, então há um equívoco entre o ato de avaliar e o que de fato chamamos de avaliação quando praticamos exames. Daí a necessidade de distinguir de uma forma objetiva e clara através de três características de cada terminologia.

Examinar em primeiro lugar é totalmente pontual, só se importa com que está acontecendo aqui e agora e não com que já passou ou o que ainda vai passar, temos como exemplo claro o vestibular. Para reforçar esta primeira característica vem a segunda que afirma ser também classificatório, aprovado/reprovado, que conseqüentemente nos leva ao terceiro ponto que é a temida seleção, onde o aluno passando destas duas primeiras fases, será enviado para a última que o coloca para dentro do sistema de aprovados ou os excluem de acordo com sua média adquirida naquele momento, sem nenhuma preocupação do que realmente tenha acontecido com aquele conhecimento que o mesmo vem adquirindo em seus doze anos de vida escolar.

As três características que, diga-se de passagem, é um caminho totalmente inverso ao do ato de examinar, pois enquanto o exame é pontual contando com o conhecimento do aqui e agora, a avaliação tem a preocupação de verificar tudo aquilo que o aluno já sabe, para que seja entendido tudo que o aluno ainda não sabe para que ele venha passar a saber conforme for avançando nos períodos escolares. Dinâmica, a mesma não classifica, criando assim a possibilidade de um melhor diagnóstico do que realmente vem acontecendo com aquele aluno para que haja uma possibilidade de melhoria, Luckesi afirma que a avaliação não necessita ser nomeada separadamente em dinâmica, diagnóstica, formativa, dialética, dialógica e mediadora,

pois estes termos se tornam redundantes já que a própria avaliação já é por si só todos estes nomes. E por ultimo, includente, pois sua intenção é trazer este aluno para dentro, enquanto o termo exame o desclassifica e o expulsa deste espaço escolar a avaliação o acolhe, dizendo de forma indireta que não importa onde está sua dificuldade, importante é superá-la com mecanismos que venham a facilitar e lhe possibilitar um avanço conceitual.

A autora Hoffmann concorda com Luckesi quando a mesma fala que a discussão direta desse tema encontra forte complicador que se constitui na relação estreita estabelecida por esses professores, do tipo: “dar nota”, “fazer prova é avaliar”. Nisto, a autora discute em sua obra *Avaliação: mito e desafio* que os testes, não deixam em momento nenhum de ser uma forma de examinar, mas atualmente o mesmo vem sendo usado de forma equivocada, pois a realização destes, através dos professores, está com intenção única; simplesmente constatação de resultados como: verificar o que o aluno aprendeu e medir seu conhecimento. Esta interpretação do teste se torna então absurda perante a rotina da escola, pois os alunos tem o direito a uma avaliação mais justa que atenda as suas necessidades de aprendizagem.

Demo, fala em examinar sob a concepção de medida, pois o mesmo vem a afirmar que medida e avaliação são dois momentos de um mesmo processo mais global, que também denominamos “avaliação”. A medida, enquanto tentativa de constatação exata das dimensões do desempenho do aluno, predominou nas várias décadas da trajetória da avaliação, nos sistemas educacionais. Com o passar dos tempos a quantificação passou a ser a “ovelha negra”, pois o processo de verificação do rendimento escolar implica dois momentos: medir e avaliar. No primeiro, tentamos, com mais ou menos objetividade, por meio de um instrumento adequado, “medir” o desempenho do educando, isto é, simplesmente coletar e registrar seu desempenho; em seguida, “avaliamos” em sentido estrito.

A AVALIAÇÃO COMO PROCESSO DE INCLUSÃO

A avaliação vem sendo realizada como um processo de seleção, de classificação, de modo que são poucos os escolhidos nesse processo, proporcionando, assim, a exclusão daqueles que, por algum motivo, durante aquela avaliação pontual,

não conseguiram obter o desempenho esperado classificando-os. No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no artigo 53 compete ao estado que:

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;

Já a lei nº 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) o Art. 24, inciso V traz claramente alguns requisitos que se refere a verificação do rendimento escolar que chama a atenção nos seguintes requisitos:

a) avaliação contínua e acumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.

d) Aproveitamento de estudos concluídos com êxito.

e) Obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos aos período letivo, para os casos de baixo rendimento escolas, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus rendimentos.

Estas leis vieram para assegurar àqueles, que por sua vez, não garantam os avanços necessários, para que os mesmo e os demais alunos possam ter uma avaliação durante todo o seu processo de aprendizagem e não apenas naqueles momentos pontuais como: testes, provas, etc. Neste momento a avaliação passa de uma visão tradicional para uma que vá além, observando o desempenho do aluno; entre os avanços e retrocessos do aluno perante suas notas e/ou conceitos utilizados pela instituição.

Luckesi diz que o ato de avaliar é inclusivo, e amoroso, isso quer dizer que o ato de avaliar, por ser diagnóstico tem como objetivo subsidiar a permanente inclusão do educando no processo educativo, alcançando níveis cada vez mais satisfatórios da aprendizagem. A avaliação não exclui a partir de um padrão pré-estabelecido, mas sim diagnostica para incluir, na busca do resultado mais satisfatório, mais pleno,

qualitativamente mais saudável. Hoffmann, afirma que avaliar é dinamizar oportunidades de ação-reflexão, num acompanhamento permanente do professor, que incitará o aluno a novas questões a partir de respostas formuladas. Uma prática avaliativa coerente com essa perspectiva exige do professor o aprofundamento em teorias do conhecimento, com isso, oportunizando aquele “erro” prévio para que o aluno possa ter sua chance não somente assegurada pela lei, mas para que seja reaproveitado o conhecimento do mesmo em outra atividade.

“Apesar dessas possibilidades de luta, não podemos esquecer que, na realidade, a avaliação é um mecanismo privilegiado para garantir a função seletiva da escola na sociedade capitalista e, como tal, está atrelada à condição básica desta sociedade”. (Livro de Hoffmann pág. 109 a 110, extraído de Freitas, 1990,p.28).

Alguns métodos inovadores utilizados pelos professores podem servir como chave para que haja mudança na avaliação e, uma delas, diz respeito como as atividades avaliativas sejam integradas a realidade dos alunos com conhecimentos necessários para sua vida não somente acadêmica mais as suas vivencias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo conteúdo abordado, podemos então afirmar que a avaliação de fato deve exercer o papel de orientação durante o processo de ensino e aprendizagem do aluno e não se restringir a números e medidas de um conhecimento em constante transformação. Assim a sistematização da pedagogia comeniana juntamente com seu conjunto de regras que vieram com total intenção de cobrir as necessidades vivenciadas pelos professores da época, seus métodos ainda são utilizados para avaliar, onde percebemos nas escolas evidencias desse sistema que utiliza-se desses métodos como principal e talvez como o único método avaliativo.

Porém, atualmente, a avaliação também é vista como uma das mais importantes ferramentas à disposição dos professores para alcançar o principal objetivo da escola e dos pais: fazer com que todos os estudantes avancem. Ou seja, o importante hoje é encontrar caminhos para verificar qualidade no aprendizado dos alunos e oferecer alternativas para uma avaliação mais objetiva e igualitária para todos, podendo assim todos em meio suas dificuldades superar os obstáculos de uma forma mais justa e inclusiva, permitindo assim aquele aluno a se recuperar de uma forma menos agressiva, recuperando seu psicológico e ao mesmo tempo se sentindo incentivado a progredir mesmo que naquele momento o mesmo não tenha conseguido atingir seu objetivo.

Luckesi, 1996, alerta que a avaliação com função classificatória não auxilia em nada o avanço e o crescimento do aluno e do professor, pois se constitui num instrumento estático e frenador de todo o processo educativo. Sendo assim podemos perceber que a avaliação com função diagnóstica, ao contrário da classificatória, constitui-se num momento dialético do processo de desenvolvimento e do crescimento da autonomia de cada aluno. Nesse sentido, faz-se necessário reavaliar as práticas de avaliação aplicadas ao atual contexto escolar. Não se trata somente do aluno, mas também do professor e todos os que são de fato envolvidos na valorização da evolução na construção do conhecimento.

Portanto, um conhecimento mais aprofundado da realidade na qual vai atuar, para que o seu trabalho seja dinâmico, criativo, inovador poderá colaborar para um sistema de avaliação mais justo que não exclua o aluno do processo de ensino e aprendizagem, mas o inclua como um ser crítico, que já possui conhecimento de suas vivências, que é ativo participante e protagonista do seu processo de aprendizagem e, conseqüentemente, do seu processo de vida.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 9394/1996**: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

BLOOM, B. S. Taxionomia de objetivos educacionais. Domínio cognitivo. Porto Alegre, Globo. 1972.

BLOOM, B., HASTINGS E MADAUS (1971). Handbook on Formative and Sumative Evaluation of Student Learning. New York: McGraw-Hill Book Company. (**Manual de Avaliação Formativa e Somativa do Aprendizado Escolar**. S. Paulo: Livraria Pioneira Editora.)

DEMO, Pedro, 1941. **Avaliação sob olhar propedêutico** / Pedro Demo – Campinas, SP: Papirus, 1996. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

HADJI, Charles. **Avaliação desmistificada** / Charles Hadji; trad. Patrícia C. Ramos.- Porto Alegre: ARTMED Editora,2001.

HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do processo de ensino –aprendizagem**. São Paulo, Ática,1988.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Entrevista sobre Avaliação**. Para o Senai, <http://www.dn.senai.br/competencia/src/contextualizacao/celia%20%20avaliacao%20Jussara%20Hoffmam.pdf>.

Hoffmann, Jussara Maria Lerch. **Avaliação**: mito e desafio: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Editora Mediação,26ªed.,1999.

Lakatos, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** / Eva Maria Lakatos, Marina de Andrade Marconi. – São Paulo: Atlas,1985.

Landsheere, G. de (1979). **Dictionnaire de l'évaluation** et de la recherche en éducation. Paris: PUF.

Lei 8.069 de 13 de Julho de 1990 - Dispões sobre o estatuto da criança e do adolescente e da outras providências.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: Estudos e Proposições**. São Paulo: Editora Cortez, 22ªed., 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Vídeo sobre: **Avaliação da Aprendizagem**, Série Encontros, 2000 .

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**, São Paulo, Cortez,1995 .

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens** - entre duas lógicas/ Philippe Perrenoud; trad. Patrícia Chittoni Ramos. – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3 v.:il. Volume1: Introdução; volume2: Formação pessoal e social; volume3: Conhecimento do mundo.

REVISTA ESCOLA – **Entrevista a Cipriano Luckesi**
<http://revistaescola.abril.com.br/planejamento-e-avaliacao/avaliacao/cipriano-carlos-luckesi-424733.shtml> (07/12/2012 às 18h28minmin).

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação Dialógica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora Cortez, 4ªed., 2002.

SCRIVEN, M. (1967). **The Methodology of Evaluation**. In R. Tyler, R.M. Gagné e M. Sciven (Eds). Perspectives of Curriculum Evaluation, 39-83. AERA Monograph Series on Curriculum Evaluation (1). Chicago: Rand Mac Nally.

Universidade de Santa Cruz do Sul - Unisc. **Metodologia Científica**
http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/metodologia_cientifica.pdf

Universidade Federal da Bahia – UFBA . **Moodle Book**
<http://www.moodle.ufba.br/mod/book/view.php?id=9945&chapterid=9308>

WIKIPÉDIA - **Conceito de Avaliação da Aprendizagem.**

http://pt.wikipedia.org/wiki/Avalia%C3%A7%C3%A3o_da_aprendizagem

ABSTRACT

This article aims to foster reflection / analysis of learning assessment processes experienced in elementary school (first grades) used by teachers on the design and evaluation methods of learning, questioning and discussing directly with the authors about how to assess direct influence on learning and school life of the student. The text will address the evaluation of concepts and processes, and how the school of the XXI century continuously evaluates, based on the literature guided by discourses on authors who have researched and research on this topic.

KEY-WORDS: Teacher; Student; Evaluation; Learning; Exams.